

Luiz Otávio recebe
Mart'nália no
Manouche

PÁGINA 3



A força do cinema
argentino na
Mostra de SP

PÁGINA 6



Filho de Faustão
trilha seu próprio
caminho na Band

PÁGINA 5



2º CADERNO



Uma das bandas
mais longevas do
rock, os Rolling
Stones fazem
bonito em 'Hackney
Diamonds'



Fotos/Divulgação

Sólidos como diamante

Rolling Stones fazem de 'Hackney Diamonds' seu melhor álbum em 42 anos

Por Thales de Menezes
(Folhapress)

"Hackney Diamonds" é o melhor álbum dos Rolling Stones desde "Tattoo You" (1981). Nesse intervalo de 42 anos, a banda lançou

seis discos de material inédito, o último deles há 18 anos, "A Bigger Bang". Todos foram saudados com entusiasmo a cada lançamento, porque é sempre bom ver e ouvir os Stones na ativa. Mas apenas uma canção em todo esse período pode

ser cogitada para uma antologia da banda: "Love Is Strong", de "Voodoo Lounge" (1994).

Agora, Mick Jagger e Keith Richards apresentam ótimas canções de uma banda rejuvenescida, musicalmente falando. As 12 faixas

de "Hackney Diamonds" contemplam muitas das personalidades sonoras que os Stones já apresentaram desde 1962, mas há uma modernidade percorrendo o álbum, que é uma ação entre amigos.

Os Stones povoaram as sessões com camaradas que são alguns dos maiores nomes da música pop: Stevie Wonder, Elton John, Lady Gaga e... Paul McCartney! Sim, um beatle no estúdio com os Stones. Paul toca baixo em "Bite My Head Off", rock acelerado, do tipo que os Stones faziam no início dos anos 1970, na fase com o guitarrista Mick Taylor. A participação parece discreta até o minuto final da canção, quando Paul toca um baixo distorcido em duelo com a guitarra sem efeitos de Richards. Um grande momento. Mas a maior colaboração de Paul em "Hackney

Diamonds" não é essa. Foi ele que sugeriu a Jagger o nome de Andrew Watt, jovem produtor americano que tem um currículo eclético, de Ozzy Osbourne a Miley Cyrus. Watt produziu o álbum com Jagger, Richards e Don Watts, colaborador antigo da banda.

Os Stones rasgam elogios a Watt, que também teve a ideia de incluir a participação de Lady Gaga em "Sweet Sounds of Heaven". A cantora estava gravando num estúdio ao lado do ocupado pelos Stones e foi fazer uma visita à banda. E o resultado é muito melhor do que se poderia esperar.

"Sweet Sounds of Heaven" é o grande momento do álbum. Grande mesmo, uma faixa de quase sete minutos e meio que lembra a apropriação do gospel que os Stones já fizeram em hits imortais como "You Can't Always Get What You Want". Começa com Mick Jagger cantando com um vigor não escutado há décadas, enquanto Stevie Wonder toca seus teclados como se estivesse numa igreja no Mississippi. A partir da metade da canção, Lady Gaga vai se insinuando, primeiro num vocal de apoio belíssimo, que cresce para um vozeirão que faz dueto com Jagger. Forte candidata a canção do ano.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL

Álbum tem vestígios de Charlie Watts



Divulgação

Cyva estava internada tratando de uma infecção

Morre, aos 85 anos, Cyva, fundadora do Quarteto em Cy

Morreu na noite de domingo (22) a cantora Cyva, do Quarteto em Cy, aos 85 anos. A cantora participou do grupo formado com as irmãs Cynara, Cybele, Cylene em 1964. Ela estava internada há um mês, em um hospital, tratando uma infecção, mas não resistiu, segundo sua irmã, Cylene.

“Ela era muito querida por

todos. E como minha única irmã viva, vai fazer falta pra mim como uma família inteira”, disse a irmã.

Com a morte de Cyva e de Cynara, em abril, Cylene é a única integrante remanescente do grupo original. Cybele morreu em 2014.

Cyva, assim como suas irmãs, nasceu em Ibirataia, na Bahia.

Luto na música

Morreu no sábado (21), aos 58 anos, o músico Alex Moreira, um dos fundadores do trio Bossacucanova, que uniu a bossa nova e a música eletrônica, venceu o Prêmio da Música Brasileira em 2015 e foi indicado duas vezes ao Grammy Latino.

Calote

Alcione está processando o dono do Bar da Alcione, a Casa da Marrom, estabelecimento localizado na Barra da Tijuca, por atrasos nos pagamentos. A ação contra o empresário Vinícius Correa pede que o nome da cantora deixe de ser usado pela casa.

Paz distante

Durante discurso na Feira do Livro de Frankfurt, Salman Rushdie fez um apelo à paz diante dos conflitos entre Rússia e Ucrânia e entre Israel e Hamas: “A paz parece-me neste momento uma fantasia criada pelo fumo de um cachimbo de ópio”.

Sharon pintora

Sharon Stone descobriu na pandemia outra forma de expressar sua criatividade, por meio da pintura. A atriz fez recentemente uma exposição com suas telas na C. Parker Gallery em, Connecticut (EUA). “A arte tem um grande propósito para mim”.

A morte do baterista Charlie Watts, em 2021, deixou marcas no álbum. Ele tocou em duas faixas, gravadas em 2019: “Mess It Up”, quase disco music, e o ótimo rock “Live by the Sword”. As outras têm as baquetas de Steve Jordan, amigo antigo e produtor dos álbuns solo de Richards.

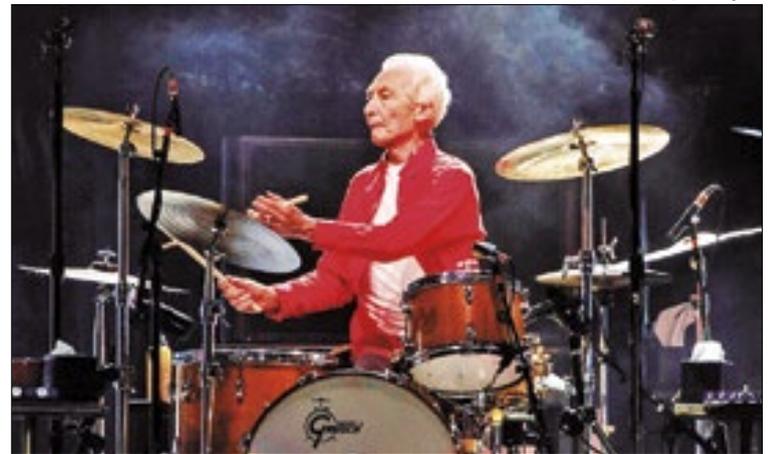
“Live by the Sword” conta também com o baixo de Bill Wyman, membro fundador dos Stones que deixou a banda há 30 anos. Pelo menos nesta faixa, está de volta a formação do grupo de 1975 a 1993: Jagger, Richards, Watts, Wyman e Ronnie Wood. “Live by the Sword” também conta com os teclados de Elton John.

Segundo o produtor Don Was, Elton se manteve tímido no estúdio com os Stones. Além dessa, também toca em “Get Close”, um rock batidão que não se destaca muito.

Os Stones revisitam a música country em “Dreamy Skies”, que lembra a vibe de “Sweet Virginia”, do álbum clássico “Exile on Main St.” (1972). A balada “Depending On You” e os rocks “Driving Me Too Hard” e “Whole Wide World” são canções que seriam consideradas geniais se lançadas por uma banda nova. Em se tratando de Rolling Stones, são apenas muito agradáveis.

Já Keith Richards preserva a tradição de fazer o vocal principal em uma faixa de cada álbum da banda. Assim, “Tell Me Straight” entra para uma galeria que tem “Happy”, “Before They Make Run” e tantas outras imortalizadas na voz anasalada do guitarrista.

As letras não trazem nenhuma revolução. São relatos confessionais de relacionamentos



Reprodução



Morto em 2021, Watts participa de faixas gravadas em 2019

Ron Wood, Mick Jagger e Keith Richards gravaram um grande álbum

amorosos, a praia onde Jagger sente mais à vontade depois de abandonar os hits de protesto dos anos 1960, como “(I Can’t Get No) Satisfaction” e “Street Fighting Man”. Quanto à escolha do primeiro single, “Angry”, é fácil de entender. É o rock típico dos Stones, que abre com um riff de guitarra possante, como

“Start Me Up”, faixa inicial de “Tattoo You”. Assim, faz mais um link com uma grande fase que os Stones não repetiam há quatro décadas. E eles fecham o disco com Jagger e Richards fazendo com voz, gaita e violão “Rolling Stone Blues”, a canção do bluesman Muddy Waters que inspirou o nome da banda.

Luiz Otávio pede passagem

O pianista e agora cantor mostra no Manouche as canções de seu álbum “Essa Maré”, com participação da madrinha Mart'nália.

Por Affonso Nunes

Luiz Otávio é um dos músicos mais talentosos de sua geração. O jovem pianista é figura fácil nas melhores formações de jazz que você for ouvir na cidade, mas agora aventurou-se (e muito bem) pelos lados da cantoria. Nesta terça-feira (24), às 21h, ele apresenta as canções do álbum “Essa Maré” no palco do Manouche com a participação mais do que especial de Mart'nália.

A consagrada sambista é a madrinha da virada de chave na carreira do músico, que havia lançado anteriormente “Casa de Amigo” (2017), um álbum 100% instrumental com temas jazzísticos e “Gotas de Sangue” (2021) em duo de piano e voz com o pernambucano João Fênix.

Tecladista e cavaquinista da banda de Mart'nália, Luiz Otávio vinha se mostrando à vontade nos vocais que fazia de improviso nos shows da cantora. “Ele tem uma voz bonita, faz uns djubidjubi que não é qualquer músico que faz”, comenta a cantora, com sua irreverência característica.

Atenta aos que passava no palco, chamou Luiz Otávio para cantarem juntos uma música do roteiro do show e, não demorou, começou a provocá-lo com a ideia de um disco solo dele, soltando a garganta. Assim nasceu “Essa Maré”, lançado pela Biscoito Fino com produção da madrinha.

Mergulhado numa sonoridade black suburbana, que remonta à elegância quente de bailes da Zona Norte e da Zona Oeste, “Essa

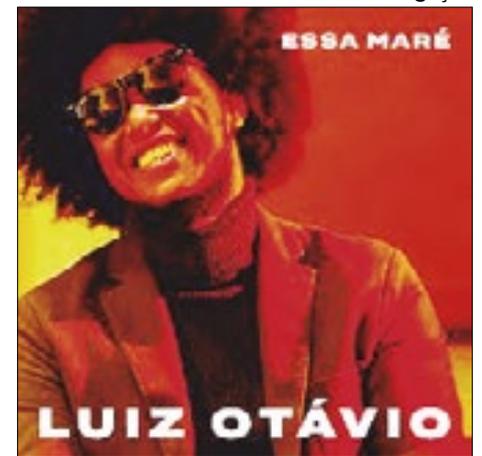


Mart'nália deu voz ao pianista e produziu o novo disco de Luiz Otávio

Maré” traz sete faixas. Três são releituras de canções de Arlindo Cruz (“Não Penso em Mais Nada”), Don Betó (“Pensando Nela”) e Djavan (“Meu”) - pistas de algumas das influências do artista. Nesta última, Luiz Otávio tem a participação em dueto com Mart'nália. As outras quatro são composições próprias do pianista e Luiz Otávio - uma delas em parceria com Tom Karabachian, a “Custe o que Custar”.

Este é o terceiro disco de Luiz Otávio. Mas sua história começa bem antes, tem origens ainda na infância do músico, no subúrbio carioca de Campo Grande, na década de 1990. O músico de 33 anos lembra: “Ganhei um tecladinho de brinquedo dos meus pais e, com quatro, cinco anos já estava tirando músicas que ouvia no rádio”. Sua família ouvia muito samba e pagode, uma das influências centrais nesse primeiro momen-

Fotos Divulgação



to. “Minha lembrança mais antiga sou eu tocando ‘Essa tal liberdade’, do Só Pra Contrariar”, conta ele, que hoje também toca guitarra, cavaquinho e contrabaixo elétrico.

Deficiente visual desde o nascimento mantinha os ouvidos atentos a tudo. O calor da rua que sua música traz não é um acaso. Luiz Otávio começou os estudos musicais no Instituto Benjamin Constant e desde cedo rodou diversos cantos do Rio, de Copacabana a São Gonçalo, para tocar - sem valorizar as dificuldades por ser deficiente visual e por morar num bairro afastado de onde apareciam as chances de trabalhar.

“As pessoas falavam: ‘Infelizmente não posso te chamar pra tocar porque não tenho carro pra te buscar’. Eu dizia: ‘Não tem problema, eu vou de ônibus’. E ia, levando teclado, guarda-chuva, bengala...”, recorda o músico.

Oportunidades aumentaram quando Luiz Otávio foi apadrinhado pelo pianista Fernando Merlino, seu professor, e pelo baixista Arthur Maia, com quem tocou por oito anos. Foi Arthur, amigo de Mart'nália, que o apresentou à cantora. Nos últimos anos, tocou com Marcelo D2 e gravou nos discos mais recentes de Martinho da Vila e Elza Soares.

Nos tempos em que se dedicava ao jazz, Luiz Otávio recebia comparações com Ray Charles. Agora, cantando e bem e enveredando por um pop requintado e elegante, talvez seja a hora de associá-lo a Stevie Wonder, que também é uma maravilha de músico.

SERVIÇO

LUIZ OTÁVIO CONVIDA MART'NÁLIA Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)

24/10, às 21h

Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia entrada e ingresso solidário, levando um quilo de alimento não perecível ou livro para doação)

Evento homenageia o centenário de cinco importantes cantores líricos

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Fala-se, desde a sua origem na Itália no final do século XVI (com Dafne, quase perdida de Jacopo Peri, produzida em Florença em 1598), que a ópera é a peça que canta, pois todos os papéis são assumidos pelos cantores, sem que haja palavras que não sejam com a música. Tal “obra” (a tradução literal da palavra italiana “ópera”) é tipicamente uma colaboração entre um compositor e um libretista (o autor das letras) e incorpora uma série de artes cênicas, como atuação, cenário, figurino e, às vezes, dança, ou balé.

O Brasil tem uma tradição operística e o gênero até a década de 1950 lotava teatros, com muitas empresas de produção locais. Além disso, todas as grandes estrelas internacionais excursionavam por nossas principais casas de ópera.

O Theatro Municipal do Rio de Janeiro, em parceria com a Cia. Ópera São Paulo, inicia as comemorações do Dia Mundial da Ópera destacando, justamente, os centenários de cinco grandes cantores do século passado, que encantaram platéias em nosso templo. A Gala Lírica vai homenagear Maria Callas, Victoria de Los Angeles, Cesare Siepi e os brasileiros Alfredo Colosimo e Paulo Fortes. As apresentações acontecem nesta terça-feira (24), às 12h, dentro do Projeto Municipal ao Meio-Dia e no dia seguinte, às 19h, quando será comemorado o Dia Mundial da Ópera.

No programa obras de: Pietro Mascagni, Gaetano Doni-



A maestra Priscila Bonfim vai reger a Sinfônica do Theatro Municipal

Ópera a R\$ 2 no Municipal

zetti, Giuseppe Verdi, Carlos Gomes, Georges Bizet e Vincenzo Bellini. Com a Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal (OSTM) e os solistas Daniella Carvalho, Michele Menezes, Gabriele de Paula, Kismara Pezzati, Daniel Umbelino, Ivan Jorgensen, João Campelo, Inácio de Nonno e Anderson Barbosa. A regência será de Priscila Bomfim. Os ingressos podem ser adquiridos através do site theatromunicipal.rj.gov.br ou na Bilheteria do Theatro.

“Pelo segundo ano consecutivo, o Theatro Municipal celebra o Dia Mundial da Ópera, oferecendo ao público uma Gala Lírica. No ano passado o tema foi o centenário de Renata Tebaldi. Agora fazemos uma homenagem aos centenários de Maria Callas, Victoria de Los Angeles, Cesare Siepi e dos brasileiros Alfredo Colosimo e Paulo Fortes. Trazemos muitos cantores, acompanhados pela OSTM, sob a regência de Priscila Bomfim”, celebra o Diretor Artístico

da Fundação Teatro Municipal, Eric Herrero.

Além de seu reconhecido trabalho como pianista, Priscila Bonfim tem desenvolvido ampla e crescente carreira como regente, realizando concertos com as principais orquestras sinfônicas do país, como a Orquestra Sinfônica Brasileira, Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (RS), Academia de Ópera e Orquestra do Theatro São Pedro (SP), Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas (SP) e a Orquestra Sinfônica do

Theatro Municipal do RJ.

É regente da OSJ Chiquinha Gonzaga, orquestra formada por alunas da rede pública do Rio de Janeiro que fará sua segunda turnê pela Europa este ano. Recentemente reger as óperas Eugene Onegin (Tchaikovsky), Cendrillon (Pauline Viardot) e Sonho de Edgard (Adriano Pinheiro), além de concertos no Theatro Municipal de São Paulo e com a Orquestra Sinfônica de Campinas.

SERVIÇO

DIA MUNDIAL DA ÓPERA - GALA LÍRICA

Theatro Municipal (Praça Floriano, s/nº - Cinelândia)
24/10, às 12h - ingressos a R\$ 2
25/10, às 19h - ingressos: R\$ 60 (frisas e camarotes), R\$ 40 (plateia e balcão nobre), R\$ 30 (balcão superior) e R\$ 15 (galeria)

Por Henrique Artuni (Folhapress)

“**B**oa noite, galera!” A mudança é sutil, mas expressiva. Em vez do redondo e curto “Alô!” eternizado por Faustão nas tardes de domingo, é a linguagem despojada e João, seu filho, que surge no tablado numa noite de segunda-feira.

O Teatro Itália Bandeirantes, no centro de São Paulo, estava longe de atingir a sua lotação de 290 pessoas. João estava ali - uma mão ocupada com o microfone, outra com cartelas, à moda do pai -, não em rede nacional, mas recebendo jornalistas e executivos da Band, antes de deslanchar no dia seguinte com a gravação do programa, que foi ao ar no último sábado (21), às 20h30.

É a primeira investida solo do garoto de 19 anos após acompanhar o pai por um ano e meio no Faustão na Band, atração encerrada após um ano e meio no ar, em agosto passado. Aproveitando um horário sem outros programas de auditório, Silva tentará escapar dos bordões do pai com espontaneidade, investindo primeiro em programas gravados antes de partir para o terreno caótico do ao vivo, mas que deve, segundo ele, ser o futuro da TV.

O Programa do João quer resgatar o espírito do Perdidos na Noite, que Faustão estreou aos 36 anos no Teatro Gazeta, buscando chamar o público e se afastar dos estúdios. “A gente quer trazer quem está na plateia, nada programado. O cara quer cantar, quer mostrar seu talento, é só subir no palco”, diz ele.

A atração vai competir com o Jornal Nacional e a novela “Terra e Paixão” na Globo. Silva diz querer proporcionar um novo hábito para as famílias, tentando surfar na audiência do Jornal da Band.

“A própria TV tem preconceito com o sábado, mas é porque falta conteúdo. Não vou competir com nenhum programa de auditório”, afirma. No dia, a Globo tem ainda o vespertino Caldeirão com Mion e o Altas Horas, de Serginho Groisman, beirando a madrugada.



Divulgação Band

Após acompanhar o pai, João Silva estreia seu programa

Uma nova aposta para os programas de auditório

Se no Faustão na Band era o pai quem conduzia os quadros mais relevantes, agora é o filho quem deve manter o ritmo com a plateia, sua banda - como foi Caçulinha por 20 anos para o Faustão - e os convidados.

João divide o palco com um humorista sob a pele do Cachorrão - uma espécie de Louro José capaz de imitar Datena, Raul Gil e Sonia Abrão enquanto comenta o programa - e uma terceira presença, uma mulher, que ainda será definida num concurso via Instagram.

Na coletiva de imprensa, João, ao lado de cabeças da produção - como Cris Gomes, Beto Silva e Renato Moreira, tradicionais parceiros de Faustão - disseram ter

João Silva, filho de Faustão, estreia na Band com promessa de resgate do clima do saudoso ‘Perdidos na Noite’

notado tal ausência no meio das reuniões.

Sem um time de dançarinas ou repórteres na plateia, Silva diz que

ainda serão definidos os critérios da seleção, mas que a produção está aberta para candidatas de todas as idades e regiões do Brasil. Gomes, o diretor artístico, diz que o concurso é parte da generosidade de Silva para encontrar novos talentos, que “se tiverem sotaque a gente vai adorar”.

O filho diz ter discutido os rumos do programa com Faustão durante o período em que o apresentador ficou internado para um transplante no coração, até como uma forma de aliviar a tensão pelo procedimento. “Ele canalizou muito do tempo lá [no hospital] para participar.”

A princípio, o Programa do João não terá quadros fixos nem

será ao vivo -até fevereiro, Silva vai treinar com gravações antes de começar a rodar por vários teatros do país. “Se o Faustão na Band fosse semanal, eu não teria pegado o ritmo”, diz ele. “O ao vivo vai dar continuidade à TV. O público assiste coisas gravadas na hora que quer.”

É também uma ocasião para treinar outro conselho do pai, de dizer o que pensa. “Tinha medo de errar, especialmente hoje, com a política do cancelamento. A gente acaba se retraindo de falar alguma besteira. Com o programa gravado, a gente se solta.”

João Silva, nome tão comum, o filho de Faustão não está sendo vendido pela Band como um João ninguém. Na coletiva de imprensa, a emissora preparou um vídeo com a sua evolução recente, com epítetos como “aprendeu na prática”, “seguindo os passos do pai” e “galã”.

Para o público da TV, das revistas de fofoca e das redes sociais, João Silva já teve várias faces. Sua única aparição na Globo foi em 2014, aos dez anos, quando jogou um balde de pipoca no pai. Nas fotos das reuniões familiares, o primeiro filho era o mais parecido com o pai, não só pelas feições, mas pelo porte físico, alto e gordo.

Cirurgia bariátrica

Aos 16 anos, beirando os 145 quilos, fez uma cirurgia bariátrica - assim como o pai, aos 59. Em 2022, com 75 quilos a menos, assumiu o namoro com a modelo Schynaider Moura, de 35 anos, após arrematar um almoço com ela durante um leilão na casa do jogador Ronaldo - muito próximo de Faustão, e de quem João foi padrinho de casamento. Não por acaso, o Fenômeno e sua família serão os convidados do programa de estreia.

Nos bastidores, Silva ensaia uma jornada longe dos holofotes. “Meu pai sempre teve muitos amigos na publicidade, que anda lado a lado com a televisão. O programa tem uma equipe comercial, mas no começo fui eu quem fiz todas as vendas, a partir dos meus relacionamentos”, diz Silva. Os patrocínios fechados, revela, garantem ao menos um ano de sustento ao programa.



Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Laureado em janeiro com o Globo de Ouro de Melhor Filme Estrangeiro por “Argentina, 1985”, a terra de Ricardo Darín fecha 2023 numa fase de excelência como há tempos não se via, numa diversidade de novas vozes autorais, com direito a apostas em narrativas de gênero, que batem ponto na grade da Mostra de São Paulo.

Nesta terça-feira (24), às 13h30, a Reserva Cultural paulista leva seu público pelas veredas policiais portenhas com o estonteante “La Sudestada”, de Daniel Casabé e Edgardo Dieleke, que brilhou em janeiro no Festival de Roterdã.

Em sua trama, Jorge Villafañez (papel de Juan Carrasco) é um detetive particular veterano que mora sozinho num apartamento em Buenos Aires. Discreto e meticuloso, ele tem o dom de fazer as pessoas se abrirem durante as conversas. Mas quando um novo caso o coloca no rastro de Elvira (Katja Alemann), uma coreógrafa, a tênue linha que separa observador e observado se transforma quando Villafañez embarca nas águas do Rio da Prata.

Carregado de fantasmas marxistas, “El Castillo”, vencedor do troféu Horizontes Latinos no Festival de San Sebastián, na Espanha, bate ponto na Mostra às 15h40, no Espaço Itaú Augusta 4, com repeteco no dia 27, às 17h30, no Espaço Itaú Frei Caneca 5. Sob a fina direção de Martín Benchimol, o filme abre discussões sobre novas formas de opressão nas relações de trabalho. Ao adentrar o universo da aristocracia decadente, o longa faz um estudo das práticas de servidão, ao narrar as transformações na vida de uma mulher, Justina (vivida por Justina Olivo, que ganha de sua patroa um casarão abandonado, sem ter a noção do que vai encontrar por lá.



‘O Castelo’, de Martín Benchimol, abre discussões sobre opressão e servidão

Quase um tango

Filmes premiados em festivais europeus como ‘O Castelo’ demarcam a força do cinema argentino contemporâneo, que chega a telas paulistas cheio de diversidade autoral



‘La Sudestada’, um drama nas águas do do Prata

“Justina e eu ficamos muito amigos durante o processo de preparação de uma história que expõe o lado improvável da vida doméstica. Aqui, o trabalho é o ponto de partida simbólico para desbravarmos heranças histórias, materiais,

de um sistema opressivo de trabalho”, disse Benchimol ao Correio em San Sebastián.

“A solidão assombra a personagem no castelo que herdou como reconhecimento à sua dedicação a um mesmo patrão ao

longo de anos”.

Nesta quarta-feira, às 20h30, o Espaço Itaú Frei Caneca exhibe outra sensação portenha de San Sebastián: a hilária comédia “Puan”, de María Alché e Benjamín Naishtat, que deixou o evento espanhol com as lãureas de Melhor Roteiro e de Melhor Interpretação, dada ao ator Marcelo Subiotto. Ele encabeça um elenco em estado de graça numa trama exuberante sobre ensino na seara da educação universitária pública de nuestros hermanos. Subiotto tem uma atuação elétrica no papel de Marcelo Pena, professor de Filosofia especializado na obra de Thomas Hobbes e de Martin Heidegger que tem a chance de assumir o posto deixado por seu antigo mestre. Sua vida é confusa, mas suas ideias são brilhantes. Mas o retorno de um apavonado colega de seu passado, Sujarchuck (Leonardo Sbaraglia), tira seus planos e sua paz do eixo. Mas o que poderia ser um duelo de vaidades se transforma - numa virada de roteiro brilhante - em um estudo sobre a luta diária de educadoras e educadores.

“A educação pública em meu país fez de mim o que sou e me deu perspectivas, mas ela passa por dificuldades inerentes a uma economia em crise”, disse Subiotto ao Correio da Manhã. “Há um DNA cômico forte em ‘Puan’, embora o personagem central, o meu, esteja diante de um processo de luto pessoal, enfrentando mil problemas. Não é apenas a morte de seu colega mais velho e mestre que o abala.

Ele encara a perspectiva de que sua juventude passou. O bonito no roteiro de María Alché e Benjamín Naishtat é retratar isso sem recorrer a piadas ou truques cômicos óbvios. É o contexto que nos leva ao humor”.

Subiotto também foi premiado faz pouco (no Festival de Lima, no Peru) por “A Barbárie” (“La Barbarie”), que a Mostra exhibe também nesta quarta-feira, às 21h30, no Reserva Cultural. Em sua trama, o jovem Nacho foge da violência da casa da mãe em Buenos Aires e busca um lugar para se refugiar com o pai, um fazendeiro com quem tem pouco contato. Na estância Santa Inés, um local regido pela luta de classes e pelo ódio velado, Nacho terá que entender seu lugar como patrão.

Além de “Puan” e “A Barbárie”, os argentinos se orgulham de levar à Mostra a comédia “Arturo a Los 30”, de Martín Shanly, sobre um rapaz com síndrome de Peter Pan que comete as mais variadas indiscrições. Num outro registro, mais trágico, sombras cercam o personagem central de “Almamá”, de Juan Sebastian Torales, marcado por um desempenho tocante de Nicolás Díaz. No roteiro, um rapaz é alvo de múltiplas violências homofóbicas e decide fugir do preconceito se isolando numa zona rural assombrada por um monstro. A criatura ataca quem se entrega a seus desejos.

A Mostra de SP termina no dia 1º.

Amores antropomórficos

História de amor entre um cão falante e um androide, 'Robot Dreams', do espanhol Pablo Berger, leva a Nova York dos anos 1980 à maratona de São Paulo

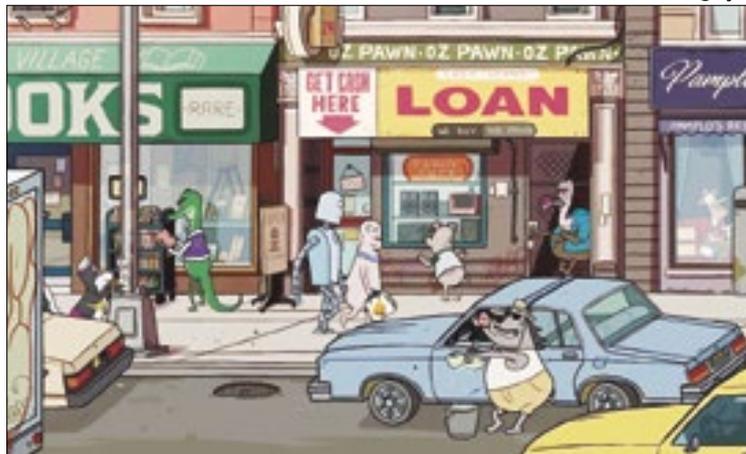


Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Parece apenas amizade, das boas, mas o rala e rola de afetos entre um cãozinho queer e um androide fã de sorvete retratado na animação "Robot Dreams" beira uma paixão, daquelas serenas (por mais paradoxal que pareça), que duram, duram, duram... Dura tanto que saiu do Festival de Cannes, cheia de prestígio, e aterrissou no Brasil, na grade da Mostra de São Paulo, onde terá projeção ama-

nhã, às 18h no Espaço Itaú Augusta. Tem mais uma projeção no dia 28, 13h30, no Reserva Cultural.

Sua argamassa é um quadrinho. Com cerca de 100 mil cópias vendidas, a HQ "Robot Dreams", de Sara Varon, tornou-se um best-seller tão grande para um gibi gestado fora do ventre da Marvel ou da DC que o cinema não poderia ignorá-lo. Estúdios até consideraram a hipótese de filmar a saga antropomórfica de um mundo onde bichos são personificados – e alguns vivem beeeem sozinhos. Mas quem acabou por comprar o projeto foi o cineasta independente espanhol Pablo Berger, que resolveu adaptar aquela trama em forma de desenho animado para públicos abertos ao chamado family film (de agradar crianças e marmanjos), mas afeitos



Um cão personificado e um androide ficam amigos

a narrativas mais ousadas moralmente. Essa ousadia essencial foi o motivo que abriu as portas (e as telas) de Cannes para Berger, e o mesmo se repete com a Mostra, onde o longa terá mais uma sessão no dia 29, às 14h, no CineSesc. Sua releitura para a graphic novel de Berger tem um sabor de nostalgia a mais, com referências ao sucesso de outrora "Kramer vs. Kramer".

"Amo esse filme, amo a estética de seu diretor, Robert Benton, e amo seu ator, Dustin Hoffman. Meu protagonista, um cachorro com jeito de gente, é o Hoffman.

Mas não usamos diálogos. Existe até uma cena em que aparece um outro animal levando o filho pequeno pra aprender a andar de bicicleta. É uma homenagem direta aos Kramers. Tem homenagem ao De Niro de 'Taxi Driver' também. A nossa vida de cinéfilo é cheia de referências a Nova York. Há sempre um filme passado lá em nossa história", diz Berger ao Correio da Manhã em Cannes.

Berger aposta numa estrutura simples em "Robot Dreams". Não usa efeitos de computação gráfica em 3D, nem visual poligonal, nem

se calça em diálogos educativos. Aliás, nem diálogo seu filme tem. Não precisa. Os olhares de seu protagonista canino dizem tudo.

"Sim, uma imagem pode ser mais forte do que mil palavras, desde que calçada por um som adequado. Pelo menos é isso o que faz do cinema uma arte com gramática própria", diz. "Eu sou um cara da velha guarda, que cresceu vendo desenhos animados sobre amigos, e queria que cada frame desse novo projeto emulasse uma metáfora da solidão e da importância de uma amizade, sobretudo depois do isolamento que a covid-19 nos impôs".

Ímã de lágrimas em Cannes, "Robot Dreams" se encontra nas estações do ano em que o cão de vida vazia quebra sua inércia emocional depois de comprar um robô (dotado de inteligência artificial) para ser seu companheiro de dia a dia. A trilha sonora, com direito a "September", do Earth Wind & Fire embala a construção do relacionamento deles. "Tem uma coisa de 'O Mágico de Oz', com o Homem de Lata que sonha em ter um coração", diz Berger.

DICAS DE TERÇA-FEIRA

13pt

NÃO SOU NADA, de Edgar Pêra: Há uma fotografia estonteante neste thriller psicológico que decorre dentro da cabeça de Fernando Pessoa, e fez sua estreia no Festival de Roterdã. No seu Clube do Nada, habitado por heterônimos, o poeta consegue concretizar todos os seus sonhos. Mas a entrada em cena de uma mulher sofisticada, muito diferente da Ofélia do mundo real, começa a desestabilizar o clube, enquanto o ultrajante heterônimo vanguardista Álvaro de Campos disputa a autoridade de Pessoa de forma violenta. A produção é de Rodrigo Areias. Circuito: Instituto Moreira Salles, 14h



Não Sou Nada

OTHELO, O GRANDE, de Lucas H. Rossi dos Santos: Ganhador do troféu Redentor de Melhor Documentário do Festival do Rio, esta aula de montagem retoma a vida e a obra do ator e comediante brasileiro Sebastião Bernardes de Souza Prata (1915-1993), conhecido como Grande Othelo. Neto de escravos, de origem humilde, ele mudou de vida ao se destacar na carreira —um grande feito para um ator negro na primeira metade do século 20—, trabalhando com cineastas como Orson Welles, Joaquim Pedro de Andrade, Werner Herzog, Júlio Bressane e Nelson Pereira dos Santos. Circuito: Espaço Itaú, Frei Caneca 2, 15h40



Othelo, o Grande

NA ÁGUA, de Hong Sang-soo: O mais prolífico dos cineastas da Coreia do Sul, quiçá do mundo, bate ponto na Mostra com o longa que projetou na mostra Encontros da Berlinale. Nele, um jovem que antes se dedicava a atuar resolve, repentinamente, testar a criatividade e decide dirigir um curta-metragem com o próprio dinheiro. Juntamente com dois ex-colegas de classe, ele chega a uma grande ilha conhecida pelas rochas e pelo vento. Sem ter ideia do que quer filmar, o rapaz anda sem rumo com os amigos durante o dia inteiro. Até que se depara com uma mulher catando lixo sozinha. Circuito: Cine Satyros Bijou: 18h20



Na Água

Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra
uma liderança imbatível de mercado tem que
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.



PROTEL

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.